

**TEXTOS INÉDITOS DE FRIEDRICH SELLOW.
1 – VIAGEM ÀS MISSÕES JESUÍTICAS
DA PROVÍNCIA DE SÃO PEDRO DO RIO GRANDE DO SUL¹**

JOSÉ NEWTON CARDOSO MARCHIORI² RODRIGO CORRÊA PONTES³
DANIEL LENA MARCHIORI NETO⁴

RESUMO

No presente artigo são reproduzidos, em português, trechos inéditos de uma carta de Friedrich Sellow ao barão de Altenstein narrando sua viagem às Missões Jesuíticas do Rio Grande do Sul em 1826, juntamente com ilustração do mesmo botânico.

Palavras-chave: Botânica, Brasil, Friedrich Sellow, História Regional, Missões Jesuíticas, Rio Grande do Sul, Sellow.

ABSTRACT

[Unpublished texts by Friedrich Sellow. 1 – Journey to Jesuit Missions of Saint Peter's Province of Rio Grande do Sul (Brazil)].

Excerpts from an unpublished letter sent in 1826 by Friedrich Sellow to Altenstein Baron reporting his journey to the former Jesuit Missions of Rio Grande do Sul (Brazil) are reproduced in Portuguese in this article, for the first time, along with a drawing of the same botanist.

Key words: Botany, Brazil, Friedrich Sellow, Jesuit Missions, Regional History, Rio Grande do Sul, Sellow.

INTRODUÇÃO

Abeillard Barreto, o maior conhecedor da xenobibliografia sul-rio-grandense, já afirmava em 1976 que o legado científico, literário e artístico de Friedrich Sellow constitui “material de primeiríssima ordem para a história” do estado sulino, apesar de restar esquecido, “à espera de atenção das autoridades governamentais, das entidades de cultura do Rio Grande do Sul” ou, ainda, de “alguma organização teuto-brasileira” que se empenhe em “tornar conhecidos os resultados invulgares e universais” de sua “unipessoal” expedição científica.⁵

De fato, parece inconcebível que um único naturalista tenha conseguido reunir coleções tão prodigiosas de plantas, animais, minerais e fósseis no Rio Grande do Sul, ao mesmo tempo em que registrava observações meteorológicas e astronômicas, elaborava glossários de termos charruas e minuanos, bem como desenhos de cidades, paisagens, tipos humanos, armas, utensílios e técnicas de produção. Quase todo este material, infelizmente, ainda continua inédito, guardado em instituições que apenas recentemente começam a divulgar esses tesouros ao público. Este é o caso de *Die Erkundung Brasiliens*, de Zichler, Hackethal & Eckert⁶, que em obra ricamente ilustrada fornece uma amostra significativa da contribuição científica e artística de Friedrich Sellow à terra brasileira.

A esse respeito, cabe salientar que Stephen Bell, antes mesmo da referida obra, já dizia não

¹ Recebido em 05-12-2015 e aceito para publicação em 20-2-2016.

² Engenheiro Florestal, Dr. Professor Titular do Departamento de Ciências Florestais, Centro de Ciências Rurais, Universidade Federal de Santa Maria. Bolsista de Produtividade em Pesquisa (CNPq-Brasil). marchiori@pq.cnpq.br

³ Geógrafo, mestrando do Curso de Pós-Graduação em Geociências, Universidade Federal de Santa Maria. rodrigocorreapontes@gmail.com

⁴ Professor, Dr. Universidade Federal do Rio Grande. danielmarchiorineto@gmail.com

⁵ BARRETO, A. *Bibliografia sul-riograndense*. A con-

tribuição portuguesa e estrangeira para o conhecimento e a integração do Rio Grande do Sul. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1976. p. 1260.

⁶ ZICHSLER, H.; HACKETHAL, S.; ECKERT, C. *Die Erkundung Brasiliens*. Friedrich Sellow's unvollendete Reise. Berlin: Galiani, 2013. 253 p.

compreender como os acadêmicos sul-brasileiros, muitos dos quais de origem teuto-brasileira, não trataram de pesquisar mais a fundo o acervo de Sellow no Museu Zoológico de Berlim, a despeito da intensa cooperação internacional existente entre Alemanha e Brasil. Demonstrando investigação na fonte, o historiador americano comenta que ali se encontram desenhos de índios, feitos pelo naturalista, e plantas de antigas reduções jesuíticas do Rio Grande do Sul.⁷ Vinda a lume em 2010, a crítica de Bell fica inteiramente comprovada com a publicação de *Die Erkundung Brasiliens*, uma vez que a obra fornece alguns dos preciosos desenhos de Sellow, juntamente com textos muito elucidativos.

O escasso conhecimento no Brasil sobre a contribuição de Sellow torna-se ainda mais difícil de aceitar quando se verifica que renomados intelectuais e cientistas do século dezenove já eram unânimes ao destacar o esforço quase sobre-humano do viajante. Sem esgotar o tema, cremos que bastam as quatro referências abaixo expostas para aquilatar-se a merecida fama do intrépido naturalista em seu tempo.

Aimé Bonpland⁸, que não chegou a conhecê-lo pessoalmente, mas soube por terceiros de sua atividade⁹, confidenciou a Alexander von

Humboldt¹⁰, em carta de 25-12-1853, que “depois dos sábios trabalhos do Sr. Sellow no Brasil”, a sua própria coleção iria merecer “pouco apreço”.¹¹

O grande Saint-Hilaire¹², que esteve com o viajante na “Fábrica de Ferro” de Ipanema¹³, arredores de Sorocaba (São Paulo), estendeu-se em comentários a respeito do “jovem prussiano” em sua *Viagem à Província de São Paulo*.¹⁴ O francês refere-se à Sellow como homem de “conhecimento bastante vasto” em botânica, e que se dedicava às “pesquisas com um zelo e uma energia sem par”, apesar da saúde frágil. A seu favor, ainda, registrou que ele “sabia manter uma conversa inteligente sobre outros assuntos, conhecia várias línguas e mostrava possuir senso crítico e vivacidade de espírito”.¹⁵

⁷ “Given the intense cultural cooperation between Germany and Brazil, it is difficult to understand why southern Brazilian academics (not a few of whom stem from German-Brazilian backgrounds) have not done more to assess the papers at Berlin of the naturalist Friedrich Sellow. This includes his drawings of indigenous people and his plans of the former Jesuit missions in Rio Grande do Sul” (BELL, S. *A life in shadow*. Aimé Bonpland in Southern South America, 1817-1858. Stanford: Stanford University Press, 2010. p. 226).

⁸ Aimé Bonpland (1773-1858). Médico francês, companheiro de Alexander von Humboldt na famosa “Viagem às Regiões Equinociais do Novo Continente”. Residiu em São Borja (Rio Grande do Sul) de 1831 a 1851, após dez anos de cativeiro no Paraguai do ditador Francia. Percorreu o Rio Grande do Sul coletando plantas e negociando gado, vindo a falecer em sua estância de Santana, ao sul da atual cidade argentina de *Paso de Los Libres* (Corrientes).

⁹ Ao tempo da viagem de Sellow pelo sul do Brasil e o Uruguai, Bonpland achava-se retido no Paraguai, por ordem do ditador Jose Gaspar Rodríguez de Francia.

¹⁰ Friedrich Wilhelm Karl Heinrich Alexander von Humboldt (1779-1859). Viajante e naturalista alemão, Humboldt foi uma das personalidades mundiais mais importantes de sua época, sendo considerado o fundador da moderna Geografia Física. Eclético, sua bibliografia versa sobre os mais variados campos do conhecimento: botânica, zoologia, geologia, geografia, agricultura, climatologia, economia, história, arqueologia, linguística e política.

¹¹ HAMY, E.T. *Aimé Bonpland, médecin et naturaliste, explorateur de l'Amérique du Sud*. Sa vie, son oeuvre, sa correspondance. Paris: Librairie Orientale & Américaine E. Guilmoto, 1906.

¹² Augustin François César Prouvençal de Saint-Hilaire (1779-1853). Viajou pelo centro-sul do Brasil de 1816 a 1822, deixando a mais importante coletânea de relatos de viagem sobre nosso país. Suas coletas de plantas brasileiras estimam-se em 30.000 exemplares, pertencentes a mais de 7.000 espécies, das quais cerca de 4.500 eram até então desconhecidas pelos cientistas.

¹³ Construída por iniciativa da coroa portuguesa em 1798, para industrializar o minério do cerro de Araçoiaba, descoberto pelo bandeirante Afonso Sardenha em 1589. Em Ipanema foram instalados os primeiros altos-fornos do Brasil (1817), obra do engenheiro alemão Franz Varnhagen (1782-1842), pai do historiador brasileiro Francisco Adolfo de Varnhagen.

¹⁴ SAINT-HILAIRE, A. de. *Viagem à Província de São Paulo*. São Paulo/Belo Horizonte: Editora da USP/Itatiaia, 1976. 229 p.

¹⁵ SAINT-HILAIRE, 1976. Op. cit., p. 194-195.

O Visconde de São Leopoldo¹⁶, nos *Anais da Província de São Pedro*, manifestou-se agradecido a Sellow pela contribuição fornecida à sua obra e à terra gaúcha. Ao relatar o teor de uma “derradeira carta de despedida”, enviada a 10 de março de 1827, quando o naturalista preparava-se para deixar o “sertão de Lapa” (Paraná), em direção a São Paulo, o historiador confessou “não poder ainda recordar-se sem lágrimas” do viajante, acrescentando que no referido documento “transpiram incessantes votos pela prosperidade” do Rio Grande do Sul.¹⁷

Ignatz Urban¹⁸, por sua vez, autor do mais completo esboço biográfico do naturalista até o momento, chegou a afirmar que “se fosse concedido a Sellow retornar a sua pátria”, ele, sem dúvida, teria granjeado, pelo estudo dos tesouros trazidos, um dos nomes mais brilhantes no âmbito das “ciências naturais”.¹⁹

O motivo do incompleto reconhecimento sobre o legado de Sellow começa a desvelar-se no exame da biografia do inditoso viajante. Morto por afogamento nas águas do Rio Doce em outubro de 1831, no auge de sua carreira de naturalista, o prussiano não teve a oportunidade de “retornar à Europa e colher os louros que certamente lhe trariam a descrição e o estudo de suas extraordinárias coleções”.²⁰

Sellow não teve tempo para publicar artigos científicos ou livros de viagem, para os quais estava plenamente preparado. Mesmo assim, a sua contribuição, que tanto impulso deu às ciências naturais, serviu para guindar à celebridade “toda uma plêiade de pesquisadores do século dezenove, restando ao desafortunado coletor o empréstimo de seu nome a centenas de plantas, animais e fósseis, descritos a partir dos materiais por ele penosamente reunidos”.²¹ Ao contrário de Saint-Hilaire, de Martius²², de Lindman²³ e outros tantos luminares que viveram o suficiente para bem aproveitar o esforço empreendido em suas expedições pelo interior do Brasil, e para publicar livros de viagem mercedamente famosos, ainda não coube a Sellow nem mesmo a dedicação de um pesquisador interessado em elaborar uma biografia definitiva, à altura de sua afanosa existência.

Publicado por Urban há mais de um século, o *Rascunho Biográfico*²⁴ ainda constitui referência indispensável sobre o viajante. O botânico alemão, que examinou detidamente os papéis enviados a Berlim após a morte de Sellow, informa que no espólio se encontram cartas diversas, cartas de recomendação de autoridades brasileiras, a correspondência enviada pelo Ministério de Educação da Prússia, numerosos diários, relatórios e desenhos de sua autoria, além

¹⁶ José Feliciano Fernandes Pinheiro (1774-1847). Natural de Santos e graduado pela Universidade de Coimbra, passou o restante de sua vida no Rio Grande do Sul, onde se distinguiu na administração pública e pela autoria dos famosos “Anais”, a primeira obra abrangente sobre a história da província.

¹⁷ PINHEIRO, J.F.F. *Anais da Província de São Pedro*. Petrópolis: Editora Vozes, 1978. p. 63-64.

¹⁸ Ignatz Urban (1848-1931). Botânico alemão, foi o último organizador da *Flora Brasiliensis*, para a qual escreveu as monografias sobre as Humiriaceae, Linaceae, Umbelliferae, Turneraceae, Moringaceae e Loasaceae.

¹⁹ “Wenn es ihm vergönnt gewesen wäre, in sein Vaterland zurückzukehren, so würde er sich durch die Bearbeitung der mitgebrachten Schütze im Verein mit Fachgelehrten zweifellos einen helleuchtenden Namen im Gebiete der Naturwissenschaften erworben haben” (URBAN, I. *Biographische Skizzen*. Botanische Jahrbücher für Systematik, Pflanzengeschichte und Pflanzengeographie, Leipzig, 1893, p. 198).

²⁰ MARCHIORI, J.N.C.; DURLO, M.A. Friedrich Sellow e sua contribuição para as Ciências Naturais. *Ciência & Ambiente*, Santa Maria, 1998. p. 43.

²¹ MARCHIORI & DURLO, 1998. Op. cit., p. 44.

²² Karl Friedrich Phillip von Martius (1794-1868). Natural da Baviera, e professor da Universidade de Munique, destacou-se no mundo científico pela organização da monumental *Flora Brasiliensis*, obra em que o nome de Sellow supera o de Saint-Hilaire como coletor de espécies-novas mais citado.

²³ Karl Axel Magnus Lindman (1856-1928). Natural de Halmstadt (Suécia), Doutor em Botânica pela Universidade de Uppsala (1886) e pesquisador do Museu Nacional de Estocolmo, viajou pelo Brasil entre 1892 e 1894, experiência que lhe permitiu a publicação, em 1900, de *A Vegetação no Rio Grande do Sul*, obra admirável sobre todos os pontos de vista e de valor permanente, vertida ao português por Loefgren, em 1906.

²⁴ URBAN, 1893. Op. cit., p. 177-198.

de outras preciosidades. É deste acervo que procede a cópia microfílmica de uma carta inédita de Sellow ao Barão de Altenstein²⁵, reproduzida em parte no presente artigo, após tradução, bem como uma planta desenhada pelo viajante, que ilustra o texto. Antes da apresentação dos fragmentos literários de Sellow, entretanto, convém tecer, ao menos, um breve informe sobre a obtenção dos mesmos, bem como sobre a ilustração utilizada. A curta nota biográfica inserida neste artigo também se justifica para melhor proveito do texto.

Ainda que tardio, o “redescobrimento” de Friedrich Sellow em pleno século XXI dá início ao resgate de uma dívida de gratidão que a ciência e cultura nacionais têm para com o viajante-naturalista do século dezenove, visto que ele, entre os notáveis de seu tempo, foi um dos que mais contribuiu para o conhecimento de nossa terra.

MATERIAL EXAMINADO

No presente artigo são reproduzidos fragmentos de uma longa carta de Friedrich Sellow ao Barão de Altenstein, remetida de Porto Alegre em 12-10-1826. Com 28 páginas e ainda inédito, pelo menos em língua portuguesa, o texto relata as atividades do viajante ao longo de mais de três anos no Rio Grande do Sul e noroeste do Uruguai, de 1823 à data de envio.

Do original, conservado no Museu de Zoologia de Berlim, o professor Darcy Closs²⁶ con-

seguiu uma cópia microfílmica no início da década de 1960, por intermédio do pesquisador alemão Erwin Stresemann²⁷, repassando-a, posteriormente, a Abeillard Barreto, que a incorporou ao acervo da “Bibliotheca Rio-Grandense”, em Rio Grande. Anexada ao texto, a correspondência entre Barreto e a senhora Urte Casória, do Rio de Janeiro, que realizou a transcrição do manuscrito em letra gótica, dá conta que o texto era incompleto, faltando o “fim da carta”, bem como várias folhas intermediárias.²⁸ Esta é a causa das interrupções que o leitor perceberá na leitura do texto, indicadas, no presente artigo, por três pontos ao centro da página. Os poucos termos que a senhora Urte não conseguiu “decifrar”, conforme suas palavras, aparecem indicadas por reticências entre parênteses, no meio do texto.

Em 1996, por ocasião de pesquisa na “Bibliotheca Rio-Grandense”, o primeiro autor deste artigo teve acesso à cópia do manuscrito alemão e da correspondente tradução ao português, encadernados em volumes distintos e conservados na sala “Silva Paes” da biblioteca riograndina. Com a permissão do então diretor da Biblioteca, o Dr. Gilberto Cardoso, foram providenciadas cópias e deu-se início ao exame do texto, juntamente com o Dr. Miguel Antão Durlo, resultando deste trabalho inicial o artigo por ambos publicado na revista *Ciência & Ambiente*²⁹.

Passados quase vinte anos – e com o aporte das ilustrações inéditas de Sellow, vindas a lume em *Die Erkundung Brasiliens* – sentimo-nos estimulados a prosseguir na divulgação das pega-

²⁵ Karl Sigmund Franz Freiherr von Stein zum Altenstein (1770-1840). Barão, político, primeiro ministro da cultura da Prússia e responsável por importante reforma de seu sistema educacional. Era por sua intermediação, principalmente, que Friedrich Sellow recebia o indispensável apoio financeiro para as excursões realizadas ao interior do Brasil e à Província Cisplatina (atual Uruguai), motivo pelo qual a ele enviava relatórios periódicos; é de um destes, que procedem os trechos ora publicados.

²⁶ Graduado em Geociências (UFRGS, 1955), o gaúcho Darcy Closs realizou pós-graduação na Alemanha, nas universidades de Hamburgo e Tübingen. Foi professor do curso de Geologia (UFRGS), um dos articuladores da fundação da Fapergs (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul), presidente da

Capes (1974-1979) e vice-reitor da Universidade Norte do Paraná (Unopar). Faleceu em 11-2-1913.

²⁷ Naturalista e ornitologista alemão (Dresden, 22-11-1889 – Berlim, 20-11-1972), Erwin Stresemann foi pesquisador do setor de Ornitologia do Museu Zoológico de Berlim a partir de 1921, professor de Zoologia da Universidade de Berlim (1930-1961) e editor do *Journal für Ornithologie*.

²⁸ Informação colhida de carta da Sra. Urte ao Dr. Barreto, datada de 15-8-1962.

²⁹ MARCHIORI & DURLO, 1998. Op. cit., p. 29-50.

das do incansável viajante no Rio Grande do Sul.

NOTA BIOGRAFICA

Natural de Potsdam, na Prússia, Friedrich Sellow nasceu a 12 de março de 1789, filho Carl Julius Samuel Sello, jardineiro do castelo real de *Sans-Souci*³⁰, e de Friederike Wilhelmine Albertine Lieder. Órfão de pai aos sete anos de idade, foi encaminhado na mesma profissão por seu tio, Johann Wilhelm Sello. Cabe observar que a grafia original do nome de família não incluía a letra “w”, que o botânico passou a acrescentar no Brasil, anos mais tarde.

Após a aprendizagem em *Sans Souci*, Sellow tornou-se auxiliar no Jardim Botânico de Berlim e iniciou-se no estudo da *scientia amabilis* sob a orientação de Willdenow³¹. É bem provável que o trabalho com a organização das coleções de plantas que Humboldt e Bonpland haviam reunido em suas andanças pela América tenha seduzido o aprendiz, desenvolvendo-lhe o gosto pelas viagens a terras tropicais, com sua estranha e diversificada flora.

Com o apoio de Alexander von Humboldt, Sellow transferiu-se para Paris em 1810, aperfeiçoando-se no estudo da botânica com Desfontaines³² e Antoine Laurent de Jussieu³³, obtendo, ao mesmo tempo, sólidos conhecimentos em zoologia, mineralogia, paleontologia e outros ramos das ciências naturais, com as sumidades do Museu de História Natural. Ainda com o apoio de Humboldt, transferiu-se para Londres, onde prosseguiu na formação científica

com os botânicos Robert Brown³⁴, J. Sims³⁵ e Joseph Banks³⁶.

Em 1813, em Londres, o jovem prussiano conheceu o cônsul Langsdorff³⁷, que se dirigia ao Rio de Janeiro e acenou-lhe com a possibilidade de uma expedição ao Brasil.

Com o apoio inicial do referido cônsul russo e uma pensão que passou a receber a partir de 1815, por interferência do conde da Barca³⁸, Sellow pode, finalmente, dar início às viagens ao interior do Brasil, com o compromisso de enviar duplicatas dos exemplares a serem colhidos ao Museu Nacional ou ao Jardim Botânico do Rio de Janeiro.

Em sua primeira expedição, acompanhou o príncipe Maximiliano³⁹ e Freyreiss⁴⁰, do Rio de Janeiro até a Bahia. Na volta, entrou em contato com Ignatz Olfers, secretário da legação alemã, e em sua companhia realizou uma segunda viagem, desta vez a Minas Gerais e São Paulo.

Acometido de forte diarreia, o viajante permaneceu vários meses no entorno de Sorocaba, tendo ali conhecido a Saint-Hilaire, conforme

Matthew Flinders, e foi um dos mais famosos botânicos de seu tempo.

³⁵ John Sims (1749-1831), renomado especialista em várias famílias de Espermatófitas.

³⁶ Sir Joseph Banks (1743-1820). Presidente da Royal Society de Londres, e diretor-honorário do Royal Botanic Gardens, estimulou expedições científicas e legou seu importante herbário ao Museu Britânico.

³⁷ Georg Heinrich von Langsdorff (1774-1852). Descendente de uma família de barões, na atual Alemanha, veio ao Brasil como cônsul geral da Rússia, após nomeação em 1812. A famosa “expedição Langsdorff”, que percorreu o interior de São Paulo, Mato Grosso, Amazonas e Pará, estendeu-se de 1821 a 1829.

³⁸ Antônio de Araújo e Azevedo (1754-1817), estadista e intelectual português. Sua valiosa coleção de livros foi incorporada ao acervo da Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro).

³⁹ Maximilian von Wied-Neuwied (1782-1867). Príncipe e naturalista alemão, autor de três obras sobre o Brasil: *Viagem ao Brasil*, *Beiträge zur Naturgeschichte Brasilien* (Contribuição à História Natural do Brasil) e *Abbildungen zur Naturgeschichte Brasiliens* (Ilustrações para a História Natural do Brasil).

⁴⁰ Georg Wilhelm Freyreiss (1789-1825). Zoólogo e ornitologista alemão, autor de *Beiträge zur naheren Kenntniss des Keiserthums Brasilien* (Contribuição para o conhecimento mais íntimo do Brasil).

³⁰ Pequeno palácio construído em Potsdam por Frederico III, sob influência do classicismo francês e do rococó alemão.

³¹ Carl Ludwig Willdenow (1765-1812). Diretor do Jardim Botânico de Berlim, membro de Academia de Ciências e professor da Universidade de Berlim.

³² René L. Desfontaines (1750-1833). Botânico francês, autor de *Flore Atlantique*. Viajou pela África do Norte.

³³ Antoine Laurent de Jussieu (1748-1836). Professor do *Jardin du Roi* e diretor do Museu de História Natural.

³⁴ Robert Brown (1773-1858). Curador do Museu Britânico, viajou pelo interior da Austrália na expedição de

relatado no capítulo introdutório.

De volta ao Rio, Sellow planejou uma terceira e mais longa expedição, inicialmente ao sul do país e, depois, para o Mato Grosso e a Amazônia. Partindo no início de novembro de 1821, chegou após 13 dias de viagem marítima a Montevidéu, então capital da “Província Cisplatina”. Nos doze meses seguintes, dedicou-se a explorar os arredores da cidade, subiu pelo vale do rio Santa Lucia até suas nascentes e retornou a Montevidéu. Em novembro de 1822, partiu em direção à Colônia do Sacramento⁴¹ e, após uma pequena excursão a Buenos Aires, seguiu a 19 de dezembro para Salto⁴², que alcançou a 5 de março. Sua entrada no Rio Grande do Sul deu-se a 24 de março de 1823, por terras do atual município de Livramento, seguindo daí para Rosário do Sul, São Gabriel, Santa Maria, São Martinho da Serra e Porto Alegre, onde chegou a 14 de maio do mesmo ano.

Ao final de agosto, Sellow retornou ao interior da província pelo rio Jacuí. Após excursão pelo rio Taquari, seguiu para Cachoeira, Caçapava, Bagé, serra de Aceguá, Herval, Pelotas⁴³ e Rio Grande. No retorno, perdeu parte de suas coleções na travessia do arroio Pelotas e quebrou a clavícula ao cair do cavalo, o que determinou sua permanência naquela cidade até o último dia de 1824, quando seguiu de barco para Porto Alegre.

Em meados de setembro de 1825, partiu em nova (e mais longa) expedição, inicialmente ao noroeste do Uruguai, motivado pela notícia da descoberta de “dois esqueletos gigantes” fósseis junto ao rio Arapeí Chico⁴⁴, “o maior deles

com 40 palmos de comprimento, necessitando uma grande carreta para transporte”⁴⁵. É no retorno ao Rio Grande do Sul, precisamente, que tem início o texto de Sellow reproduzido no presente artigo. Para maiores esclarecimentos sobre o itinerário do viajante a partir deste momento, recomenda-se ao leitor interessado o artigo de Marchiori & Durlo (1998), incluído nas referências bibliográficas.

VIAGEM ÀS MISSÕES

A 8 de fevereiro⁴⁶ cheguei de novo ao Rincão de Catalan⁴⁷, acampamento de Bento Manoel⁴⁸, e desci entre o arroio do Pai-Passo⁴⁹ e o de Inhanduí⁵⁰ para a Capela do Alegrete, no Ibirapuitã⁵¹, 6 léguas acima de sua junção com o Inhanduí, capela que já conta cem fogos e goza de notável bem estar, graças à excelência de seus pastos no departamento de Entrerios⁵². Dessa

⁴¹ Atual cidade de Colônia, capital do departamento uruguaio de mesmo nome, situada à esquerda do Rio da Prata, frente à capital argentina (Buenos Aires).

⁴² Cidade à margem esquerda do rio Uruguai, frente à cidade argentina de Concórdia; capital do departamento uruguaio de mesmo nome.

⁴³ Sellow refere-se a São Francisco de Paula, antigo nome de Pelotas.

⁴⁴ Afluente da margem direita do rio Arapeí, com bacia hidrográfica situada inteiramente no departamento de Artigas (Uruguai).

⁴⁵ WEISS, C.S. Sobre a extremidade meridional da cordilheira do Brasil, na Província de S. Pedro do Sul e na Banda Oriental ou estado de Monte Vídeo; conforme as coleções do Sr. Fr. Sellow. *Boletim do Centro Rio-Grandense de Estudos Históricos*, Rio Grande, v. 2, p. 35-98, 1940. (Trad. de Bertholdo Klingler).

⁴⁶ De 1826.

⁴⁷ Rincão do Departamento de Artigas (República Oriental do Uruguai), situado ao sul da capital departamental (cidade de Artigas), delimitado pelo arroio Catalán Grande, afluente da margem esquerda do rio Quaraí.

⁴⁸ Natural de Sorocaba (São Paulo), Bento Manoel Ribeiro fez rápida carreira militar nas lutas do Prata. General durante a Revolução Farroupilha, serviu mais tempo ao Império do que à República de Piratini. Considerado por muitos como traidor, dele dizia-se na época: “Todos merecem perdão, só o Bento Manoel que não”. Grande estancieiro na região do Jarau, atual município de Quaraí, veio a falecer em Porto Alegre, em 1855.

⁴⁹ Afluente da margem esquerda do rio Ibirapuitã, com nascente na coxilha de Santana, a leste da localidade de Passo da Guarda, e foz a montante da cidade de Alegrete.

⁵⁰ Afluente da margem esquerda do rio Ibirapuitã, no município de Alegrete; nasce ao norte da localidade de Passo da Guarda e tem sua foz, como descrito por Sellow, a jusante da cidade de Alegrete.

⁵¹ À margem esquerda do rio Ibirapuitã.

⁵² Essa expressão, usada por Sellow, nada tem a ver com a província argentina de Entre Rios. O viajante alemão usou-a, certamente, pelo fato do Planalto da Campanha do sudoeste gaúcho ser delimitado em sua quase totalidade, pelos rios Ibirapuitã, Ibicuí, Uruguai e Quaraí, restando uma linha seca muito curta entre as nascentes do

localidade, a 15 de abril, por intermédio do farmacêutico local Joaquim Thomaz de Bem Salinas⁵³, remeti quatro caixas para o Museu Real, às quais o meu correspondente em Porto Alegre, José Maria da Silveira Vianna⁵⁴, reexpediu junto com a caixa que eu lhe remetera de São Gabriel: KMM n° 8 e que continham os exemplares até n° 1328, KBM n° 10, as plantas até n° 3489; KZM n° 11 continha 8 caixinhas com insetos; e KBS diversas sementes.

(...) reinava no país, empalidecendo os capins e mais tenras plantas, gretando o chão, e secando volumosos córregos; a tristeza que isso produzia nos animais de minha comitiva retardou a continuação de minha viagem às Missões, tanto que só a recomecei a 17 de março. Segui, então, Ibirapuitã abaixo, atravessei o Inhanduí e saí 6 léguas acima da embocadura do Ibicuí no Uruguai⁵⁵; nas suas margens arenosas, que lhe dão o nome⁵⁶, já aparecem muitos ingás⁵⁷

Quaraí e Ibirapuitã, no município de Santana do Livramento. Esse grande quadrilátero constituiu a “estância de Japeju” a partir de 1660, sendo ali introduzidas, inicialmente, 40.000 cabeças de gado. Verdadeira “porta de entrada para as Vacarias do Mar”, a referida estância jesuítica foi dedicada à “invocação de São José” e prosperou “grandemente”, erguendo-se “várias casas em que residiam os vaqueiros” e uma capela onde os padres rezavam missa (PORTO, A. *História das Missões Orientais do Uruguai*. Porto Alegre: Livraria Selbach, 1954. v. 1. p. 324).

⁵³ Joaquim Thomaz de Bem Salinas (Rio de Janeiro, 07-3-1788; Santa Maria, 24-3-1835). Avô materno do embaixador, político e escritor gaúcho Joaquim Francisco de Assis Brasil (estância de São Gonçalo, Cacequi, 29-7-1858; Granja de Pedras Altas, Pedras Altas, 24-12-1938).

⁵⁴ Casado com Antonia Rosa Vianna e pai de Sebastião Soares Vianna, que casou com Justina Thomasia de Lima na paróquia Nossa Senhora Madre de Deus, em Porto Alegre (02-3-1840).

⁵⁵ De acordo com o texto, conclui-se que Sellow não desceu de barco pelos rios Ibirapuitã e Ibicuí em sua viagem de Alegrete a São Borja, contrariamente ao afirmado por diversos autores. O trajeto, feito por terra, atravessou diagonalmente o Planalto da Campanha, seguindo, aproximadamente, o atual caminho de Alegrete a Itaqui, ou um pouco a leste desta rota.

⁵⁶ Ibicuí: rio da areia fina, em guarani.

⁵⁷ Referência a *Inga vera* Willd. (Fabaceae), espécie associada à margem de rios e de ampla distribuição geográfica, visto ser nativa desde a América Central até o Uruguai e delta do Prata.

mas desapareceram os pastos⁵⁸; prossegui Uruguai acima, atravessei o Butuí⁵⁹ e cheguei a São Francisco de Borja. Esse trecho do Uruguai, ainda se assemelha ao situado entre o Arapeí⁶⁰ e o Ibicuí: terra plana, de pasto, só existente até onde alcança a terra negra de aluvião; a algumas léguas do rio, onde a argila rubro-parda recobre o pedregulho, já não há pastos⁶¹.

São Francisco de Borja, atualmente residência do comandante-geral do departamento⁶², situa-se sobre uma elevação de pouco relevo, distante do Uruguai $\frac{3}{4}$ de légua; daí se avista, além do rio, as ruínas de São Tomé⁶³. Uma ruína que

⁵⁸ Com outras palavras, o que Sellow registra, muito acertadamente, é que os campos, formação amplamente dominante no Planalto da Campanha, cedem lugar à mata ciliar nas margens do Ibicuí e Uruguai.

⁵⁹ Afluente da margem esquerda do Uruguai, o Rio Butuí nasce na localidade de Encruzilhada, divisa de São Borja com Massambará, separando, em grande parte de seu curso, os municípios de Itaqui e São Borja.

⁶⁰ Afluente da margem esquerda do Rio Uruguai, o Arapeí nasce nas proximidades de Masoller, na “Coxilha de Haedo”, a curta distância da linha seca que divide Brasil e Uruguai. Resta destacar que este importante rio do noroeste uruguaio serve de divisa, ao longo de todo o seu curso, entre os departamentos de Artigas (ao norte) e Salto, ao sul (PRADERI, R.C.; VIVO, J.E.; PRADERI, F.V. *Ríos, lagos y montes indígenas del Uruguay*. Montevideo: Ediciones de la Plaza, 2011. 191 p. 30-32).

⁶¹ Sellow informa que as matas ciliares do sudoeste gaúcho revestem solos castanho-avermelhados, distintamente dos campos.

⁶² A partir de 1801, ano em que os antigos Sete Povos das Missões Orientais do Uruguai passaram ao domínio português, São Borja foi sede da Comandância Militar, cabendo a administração, entre outros, ao sargento-mor dos Dragões, José de Castro Moraes, seguido por Joaquim Félix da Costa Manso e, em 1803, pelo engenheiro José de Saldanha. De 1809 a 1820, as Missões foram governadas pelo coronel Francisco Chagas Santos. Na época da visita de Friedrich Sellow, o coronel João José da Fontoura Palmeiro era o Comandante das Missões, cargo por ele assumido em 1823. Em 1828, ano da invasão de São Borja pelas tropas de Frutuoso Rivera, o coronel Manuel da Silva Pereira Lago era o comandante brasileiro da Fronteira e das Missões. A vila de São Borja somente foi instalada em 21 de maio de 1834, desmembrando-se de Rio Pardo; nesta efeméride, João José da Fontoura Palmeiro voltou a se destacar, desta vez como presidente da primeira Câmara Municipal da vila.

⁶³ Atual Santo Tomé, cidade da Província de Corrientes

dá idéia de maldição a São Borja: sua igreja, outrora esplêndida, a maior nesta banda do Uruguai, meio em escombros⁶⁴; sua capela principal, ricamente dourada, soterrada; nos restantes alojamentos que haviam servido aos índios, acantonavam soldados; os poucos velhos índios sobreviventes, dispersos fora da localidade; destruída sua comunidade.

Depois de uma parada de três dias aí, prossegui, transpando o Icamauã⁶⁵ e o Piratini⁶⁶; alcancei a Missão de S. Luiz Gonzaga⁶⁷, e logo visitei as de S. Lourenço⁶⁸, S. Miguel⁶⁹, S. João⁷⁰ e, à margem direita do Ijuí Grande⁷¹, a de S. Ângelo⁷².

(Argentina), situada quase em frente a São Borja.

⁶⁴ Saint-Hilaire, que passou por São Borja cinco anos antes de Friedrich Sellow, registrou, em fevereiro de 1821, que já se destacavam “pedaços” da abóboda, “continuamente”, prevendo que o templo, “em breve”, iria “cair em ruínas” (SAINT-HILAIRE, 1987. Op. cit., p. 272). Em dezembro de 1834, por ocasião da visita de Arsène Isabelle, a deterioração já estava tão avançada que os cultos eram realizados “em uma capela contígua às galerias laterais da praça” (ISABELLE, 1949. Op. cit., p. 226).

⁶⁵ Afluente da margem esquerda do Rio Uruguai, o Icamauã nasce na Serra do Iguariacá, próximo a Carovi, e tem sua foz a curta distância da cidade de São Borja.

⁶⁶ Afluente da margem esquerda do Rio Uruguai, o Piratini nasce na Serra do Espinilho, a sudoeste da cidade de Jóia; não confundir com o rio de mesmo nome e que deságua no Canal de São Gonçalo, ao sul de Pelotas.

⁶⁷ Fundada 1687, a missão de São Luiz Gonzaga deu origem à atual cidade gaúcha de mesmo nome. De sua passagem por esta localidade, Sellow deixou-nos, pelo menos, o expressivo desenho a lápis da índia “Manoella Ivaocai” (Zischler et al., 2013. Op. cit., p. 126).

⁶⁸ Situada entre as reduções de São Luiz Gonzaga e São Miguel, São Lourenço Mártir foi fundada em 1690. Em São Miguel, Sellow desenhou a planta da antiga redução jesuítica, reproduzida na Figura 1.

⁶⁹ Reconhecido como Patrimônio da Humanidade pela UNESCO, São Miguel Arcanjo foi fundada em 1687. No entorno desse sítio histórico encontra-se, atualmente, a cidade gaúcha de São Miguel das Missões.

⁷⁰ São João Batista, povo missionário fundado pelo Pe. Antônio Sepp em 1697, a nordeste de São Miguel. Em 1826, por ocasião de sua visita às ruínas, Sellow desenhou em bico de pena as magníficas colunas de arenito da galeria do Colégio (Zischler et al., 2013. Op. cit., p. 133). Resta informar que o sítio histórico situa-se, atualmente, no município de Entre-Ijuís.

⁷¹ Hoje dito “Rio Ijuí”, simplesmente.

Entre aqueles rios⁷³ predomina como capa uma argila pardo-avermelhada, espécie de *wacke*⁷⁴; contudo em vários trechos ainda se encontram manchas de terra negra de aluvião, extensas de algumas milhas quadradas, nas quais a vestidura de capim volta a ser apreciável e variada e onde (...).

...

(...) asselvajadas, e pessegueiros, recordam o antigo povoamento.

Além do Piratini o terreno é mais ondulado, ao mesmo passo mais terroso, mas os pastos são muito ruins, inteiramente dominados por uma variedade de capim duro, como macega⁷⁵. Não são raros os bancos de hematita porosa, em que os jesuítas faziam sementeiras e que usavam como manganês.

Nenhuma das povoações aqui estabelecidas pelos jesuítas oferece de longe aspecto pitoresco; as igrejas, compridas e largas, mas proporcionalmente baixas, não tem torres; só algumas têm telhado acima do altar principal, pelo que, de longe, parecem paióis ou fábricas.

...

As igrejas de S. João⁷⁶ e de S. Miguel já haviam sido incendiadas há muitos anos⁷⁷. A segunda, de magnífica arquitetura e de pedra lavrada⁷⁸, como prova o subsistente frontis-

⁷² Santo Ângelo Custódio foi fundado em 1706, em torno do sítio atualmente ocupado pela praça central da cidade gaúcha de Santo Ângelo.

⁷³ O autor refere-se aos rios Icamauã e Piratini.

⁷⁴ Termo geológico aplicado a arenitos argilosos ou paraconglomerados.

⁷⁵ O viajante refere-se, muito provavelmente, à *Aristida jubata* (Arechav.) Herter, a popular barba-de-bode (Poaceae).

⁷⁶ Obra do Pe. Antônio Sepp (1655-1733).

⁷⁷ O incêndio da igreja de São Miguel Arcanjo deu-se em 1789, posteriormente à expulsão dos jesuítas.

⁷⁸ “A igreja de São Miguel Arcanjo foi a primeira a introduzir nas Missões o sistema construtivo europeu, de paredes portantes em pedra, em substituição ao método vernáculo e tradicional de estruturas independentes, apoiadas em esteios de madeira. Foi construída entre 1731 e 1752, com a participação de três profissionais que deixaram significativas contribuições, como o padre Francisco de Rivera (toledano) e os irmãos coadjutores Giovanni Battista Prímoli, arquiteto

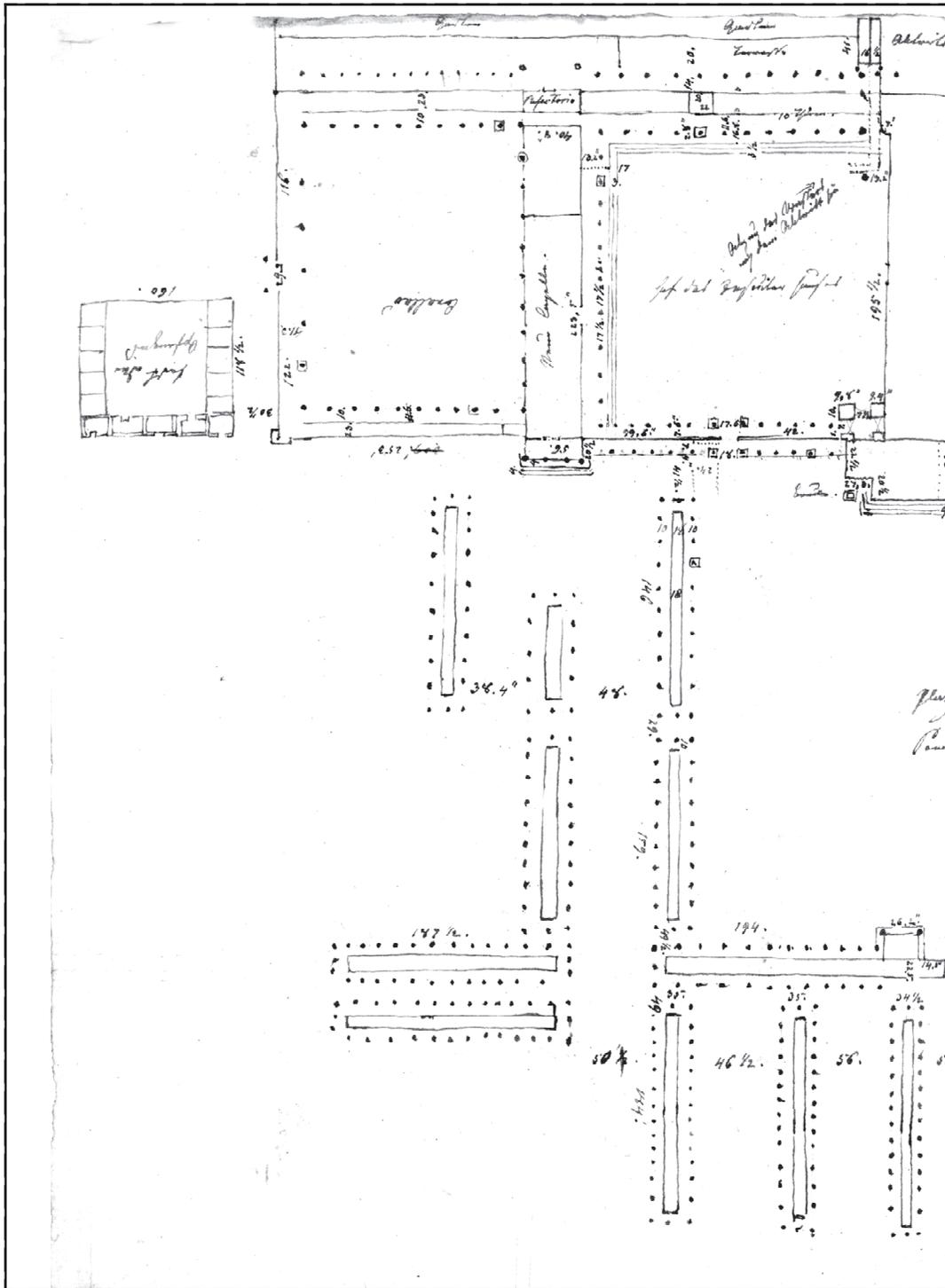


FIGURA 1 – Planta da redução jesuítica de São Miguel Arcanjo (p. 20-21), desenho em bico de pena de Friedrich Sellow, (1826). Por seu tamanho, a planta foi dividida em duas metades (linha tracejada) no presente artigo. Fonte: ZISCHLER et al., 2013. Op. cit., p. 130-131 (modificado).

pício⁷⁹. Santo Ângelo, dentro de menos de dois anos será nada mais que um monte de entulho⁸⁰.

Para administrar essas Missões o comandante geral designa administradores, mas para tal só consegue pessoas inferiores ou que aspiram apenas a possuir um grande serralho, pois que o ordenado é ínfimo, cerca de 10 a 12 mil Rs por mês. Tais homens escolhem fiscais dentre os índios, com ação sobre os edifícios, as plantações e lavouras; parece escárnio que ainda lhes dêem o velho título de capitão ou tenente corregedor, ou alcaide, alguazil, etc., ao passo que nada mandam. Dos velhos caciques só vi um que ainda restava, em S. Luiz, o qual se sentia muito feliz de haver alcançado a condição por merecimento das filhas, a qual o dispensava do duro trabalho de campo, ou de ter que arear as panelas da cozinha coletiva, etc. Os administradores impõem aos poucos homens, às mulheres moças e às meninas o cultivo de plantas alimentícias e de algodão; deste, as mulheres velhas tem a obrigação de produzir dez onças de fio por semana, com o qual se tecem roupas grosseiras para uso local e se compra gado de corte. Os trabalhos de campo são executados, segundo velho costume, ao som de tambores e assobios; qualquer desleixo é punido em flagrante a chicote ou palmatória; esses trabalhadores percebem por dia algumas libras duma sopa magra, preparada em caldeirões de cobre não estanhados.

A fertilidade do solo é extraordinariamente grande; parece que a argila pardo-avermelhada, com aspecto de wacke, produz tanto mais quanto mais é cultivado, conquanto não seja adubado.

(milanês) e José Grimau, pintor (catalão)” (CUSTÓDIO, 2008. Op. cit., p. 24).

⁷⁹ “Claramente inspirada” na Igreja *Il Gesù* (Roma), a fachada da igreja de São Miguel Arcanjo constitui “uma das mais importantes obras do chamado barroco missionário” (CUSTÓDIO, 2008. Op. cit., p. 24).

⁸⁰ No mesmo local da antiga igreja missionária, encontra-se, atualmente, a “Catedral Angelopolitana”, sede da Diocese de Santo Ângelo, construída em estilo neoclássico e encimada por imagens em pedra grês dos santos padroeiros dos Sete Povos das Missões.

Vi algodoeiros⁸¹ de mais de 30 anos que produzem as mais belas safras; cada ano corta-se a planta junto às raízes e simplesmente se afrouxa a terra ao redor. Mandioca, alimento apreciado pelos índios e (...), que tostam para comer. O algodão daqui sempre foi apreciado pela sua fibra resistente, bem assim o tabaco. A decadência destas culturas não é culpa somente dos maus administradores espanhóis e portugueses. Ao tempo dos jesuítas, a maior porção do país entre o mar, o rio Uruguai e o da Prata era coberta de rebanhos de gado vacum, sem dono. Arrebanhavam umas 20.000 cabeças para tirar o couro, que exportavam para Cádiz⁸². Dispondo de numeroso pessoal, também faziam incursões anuais às terras altas do Pelotas⁸³ para extrair das matas caá e erva-mate⁸⁴. Essas fontes de riqueza, das quais manavam fortes somas principalmente para o seu general, que, era sabido, daí as recebia, haviam de minguar e estancar a dos homens, à proporção que os povoadores do Rio Grande, S. Catarina, Buenos Aires e Montevidéu por ali se espalhavam e tomavam posse da terra.

Quanto mais, porém, os índios eram reduzidos à agricultura, tanto mais facilmente abandonavam seus pagos, para engajarem-se entre os estancieiros portugueses e espanhóis, onde pelo menos podiam fartar-se de carne, e onde eram apreciados, especialmente, para o perigoso trabalho de amansar potros, de preferência aos negros caros e, sobretudo, porque são mais dispostos para esforços momentâneos, como soem ser os das estâncias, não lhes agradando o

⁸¹ *Gossypium barbadense* L. (Malvaceae), espécie perene, de ancestral e disseminado cultivo na América do Sul.

⁸² Porto e cidade do sul da Espanha, banhada pelo Oceano Atlântico, pertencente à Comunidade Autônoma Andaluza.

⁸³ Formador do Rio Uruguai, juntamente com o Canoas, o Rio Pelotas também serve de divisa entre o Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Não confundir com o arroio de mesmo nome, no Sul do Estado e que deságua na Laguna dos Patos.

⁸⁴ Notar que Sellow refere-se à espécie pelos nomes comuns em guarani (*caá*) e português (erva-mate).

perseverante trabalho de campo. Para este só não vão as pobres mulheres, por lhes ser demasiado penoso.

Qualquer observador que viajar por esta região haverá de lamentar que não se houvesse procedido com mais consideração para com os índios, não se tivesse cuidado seriamente de lhes aliviar a sina, conquanto se admita que eles jamais se adaptassem amplamente à civilização

•••

E contava geralmente três abóbodas sobre colunas; a capela principal com seu altar ricamente adornado de esculturas douradas, muitas imagens de santos, bem executadas. Todas possuíam considerável riqueza de vasos de prata e outros pertences sacros do altar e do sacerdote. Dizem que das nove missões entre o Uruguai e o Aguapeí⁸⁵ que o Marquês do Alegrete⁸⁶ mandou incendiar, porque delas, principalmente, Artigas⁸⁷ recrutaria seus bandos, foram retiradas 200 arrobas de prata, 60 delas ainda vi em Porto Alegre.

As casas dos jesuítas, com paredes de uma braça⁸⁸ de grossura, dotadas de adegas e celei-

ro, poderiam ter servido de modelo como arquitetura adequada de habitação para este clima variável. Tudo era trabalhado com diligência e atenção; nas mínimas coisas se reconhece o espírito de ordem que aqui reinava. O certo é que se os jesuítas enriqueciam pelo trabalho do índio, nas missões cuidavam não só do necessário, mas ainda pela decência.

Esses estabelecimentos, outrora tão prósperos, estão agora próximos de sua total destruição. Onde em 1791, segundo Echevarria, se contavam mais de 29.000 índios, senão felizes, pelo menos satisfeitos, hoje mal existem 1.500 – pouco mais do que aqueles que em 1820 para aqui migraram da margem direita do Uruguai, numa proporção de sexos de 1:8, entre homens e mulheres.

Branco só se encontravam na fronteira ocidental e meridional. Os artistas e artífices sucumbiram; é raro o sobrevivente velho carpinteiro, marceneiro ou tecelão; poucos restavam alfabetizados; só ainda se dedicam um pouco à música, pois os índios a adoram. Na maior parte dos povoados só restam dos aquartelamentos de índios aqueles que rodeavam a praça, diante da igreja.

•••

(...) manuais e artes, razão por que também se entendia não lamentar que pouco a pouco tivessem que apagar-se em presença de outras raças, mais aptas a (...) a civilização graças à sua organização mais perfeita. Os próprios jesuítas deixaram os índios em nível inferior e lhes sufocavam o espírito de autonomia por força de uma educação inteiramente clausal, em que era tido por dever capital a obediência cega. Assim, tanto mais facilmente deles faziam escravos os administradores espanhóis e portugueses. Foi também assim que esqueceram os nomes das plantas e dos animais do ambiente, lembravam-se apenas dos de alguns objetos bem distintos; pois isso também nesse aspecto não colhi de minha viagem as vantagens que esperava.

A melhor situação é a de S. Ângelo, onde se cultiva com proveito a cana-de-açúcar, e na sua

⁸⁵ Rio de 310 km de extensão, que nasce em banhados no centro da província argentina de Corrientes e tem sua foz no Rio Uruguai, nos arredores da cidade de Alvear, quase em frente à brasileira Itaqui.

⁸⁶ Quinto Marquês de Alegrete, em verdade; título nobiliárquico conferido ao administrador colonial português Luís Teles da Silva Caminha e Meneses (27-4-1775 – 21-1-1828), que governou a Capitania de São Pedro do Rio Grande do Sul de novembro de 1814 a outubro de 1818.

⁸⁷ Sellow refere-se a *Andrés Guacururí*, também chamado *Andresito Artigas*, por ser filho adotivo do prócer uruguaio *Don José Gervasio Artigas*. Em 12 de setembro de 1816, após cruzar o rio Uruguai na altura de Itaqui, Andresito conquistou o Rincão da Cruz e São João Velho, sitiando São Borja. Em resposta, o brigadeiro português Francisco das Chagas Santos, então “Comandante das Missões”, expulsou os invasores para a margem direita do Rio Uruguai, com o apoio das forças de José de Abreu Menna Barreto, arrasando, na sequência, os “pueblos” de *Concepción*, *Santa Maria la Mayor*, *San Javier y Mártires*, *Apóstoles*, *San José e San Carlos*.

⁸⁸ Antiga medida de comprimento, correspondente a 2, 20 metros.

proximidade, nas matas do Uruguai e do Ijuí se encontravam grandes ervais, trechos da mata alta em que abundava o caá, o mate ou erva, planta que, todavia, não vive em grupos.

AGRADECIMENTOS

Ao querido amigo e professor **Dr. Franz Andrae** (Universität für Bodenkultur, Wien), que brindou-nos com um exemplar de "Die Erkundung Brasiliens" por saber de nosso antigo interesse sobre a vida e obra de Friedrich Sellow. A **Hanns Zischler, Sabine Hackethal** e **Carsten Eckert**, organizadores da referida obra, pelo precioso resgate à biografia do ilustre prussiano e que vem a robustecer, ao mesmo tempo, a história da ciência e cultura em nosso país. À editora **Galiani**, de Berlim, os nossos cumprimentos pela excelência desta edição, que recomendamos, com entusiasmo, a nossos leitores.

LITERATURA CITADA

- BARRETO, A. *Bibliografia sul-riograndense*. A contribuição portuguesa e estrangeira para o conhecimento e a integração do Rio Grande do Sul. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1976. v. 2, p. 737-1556.
- BELL, S. *A life in shadow*. Aimé Bonpland in Southern South America, 1817-1858. Stanford: Stanford University Press, 2010. 320 p.
- CUSTÓDIO, L.A.B. A madeira na arquitetura das Missões Jesuíticas da Paraquaria. In: SCHULZE-HOFER, M.C.; MARCHIORI, J.N.C. *O uso da madeira nas Reduções Jesuítico-Guarani do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: IPHAN, 2008. 80 p.

- HAMY, E.T. *Aimé Bonpland, médecin et naturaliste, explorateur de l'Amérique du Sud*. Sa vie, son oeuvre, sa correspondance. Paris: Librairie Orientale & Américaine E. Guilmoto, 1906.
- ISABELLE, A. *Viagem ao Rio da Prata e ao Rio Grande do Sul*. Rio de Janeiro: Livraria Editora Zelio Valverde, 1949. 345 p. (Tradução de Theodomiro Tostes).
- MARCHIORI, J.N.C.; DURLO, M.A. Friedrich Sellow e sua contribuição para as Ciências Naturais. *Ciência & Ambiente*, Santa Maria, 1998. p. 29-50.
- PINHEIRO, J.F.F. *Anais da Província de São Pedro*. Petrópolis: Editora Vozes, 1978. p. 63-64.
- PORTO, A. *História das Missões Orientais do Uruguai*. Porto Alegre: Livraria Selbach, 1954. v. 1. 432 p.
- PRADERI, R.C.; VIVO, J.E.; PRADERI, F.V. *Ríos, lagos y montes indígenas del Uruguay*. Montevideo: Ediciones de la Plaza, 2011. 191 p.
- SAINT-HILAIRE, A. de. *Viagem à Província de São Paulo*. São Paulo/Belo Horizonte: Editora da USP/Itatiaia, 1976. 229 p. (Tradução de Regina Régis Junqueira).
- SAINT-HILAIRE, A. de. *Viagem ao Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: ERUS, 1987. 496 p. (Tradução de Adroaldo Mesquita da Costa).
- URBAN, I. Biographische Skizzen. *Botanische Järbucher für Systematik Pflanzengeschichte und Pflanzengeographie*, Leipzig, 1893. p. 177-198.
- WEISS, C.S. Sobre a extremidade meridional da cordilheira do Brasil, na Província de S. Pedro do Sul e na Banda Oriental ou estado de Monte Vídeo; conforme as coleções do Sr. Fr. Sellow. *Boletim do Centro Rio-Grandense de Estudos Históricos*, Rio Grande, v. 2, p. 35-98, 1940. (Tradução de Bertholdo Klinger).
- ZISCHLER, H.; HACKETHAL, S.; ECKERT, C. *Die Erkundung Brasiliens*. Friedrich Sellows unvollendete Reise. Berlin: Galiani, 2013. 253 p.